

## Arte gentil ou gentil arte?

**Oscar Alejandro Fabian D'Ambrosio**

<http://lattes.cnpq.br/0717605557593758>

### Resumo

Palavras como novo coronavírus, COVID-19, pandemia e “novo normal” passaram a povoar o nosso imaginário nos últimos meses. Por isso, em 28/3/2020, criamos o projeto que consiste em chamar artistas visuais, de qualquer estilo, a encaminhar as suas imagens para publicação gratuita. O Projeto reuniu 589 trabalhos, 609 postagens e 605 seguidores. Cada imagem postada é acompanhada de um breve texto de reflexão de minha autoria que busca fazer uma leitura de cada imagem ou vídeo em uma caminhada linguística e simbólica que permite pensar o andamento de toda situação que se está vivendo sob diversos aspectos.

### Abstract

Words such as new coronavirus, COVID-19, pandemic and “new normal” started to populate our imagination in recent months. Therefore, on 3/28/2020, we created the project that consists of calling visual artists, of any style, to submit their images for free publication. The Project gathered 589 works, 609 posts and 605 followers. Each image posted is accompanied by a brief reflection text by me that seeks to read each image or video in a linguistic and symbolic journey that allows us to think about the progress of every situation we are living in under different aspects.

### Introdução

O que vem a ser uma “arte gentil”? É inevitável não pensar em José Dadrino, mais conhecido como Profeta Gentileza (Cafelândia, 11/4/1917 – Mirandópolis, 29/5/1996), que se tornou conhecido por fazer inscrições com mensagens sobre o amor entre a humanidade nas pilastras de viadutos do Rio de Janeiro. Com sua túnica branca e longa barba, andava pela Zona Central da cidade, sendo a sua frase mais conhecida "Gentileza gera gentileza".

Ele foi tema de músicas de compositores como Gonzaguinha e Marisa Monte, que se empenhou, junto com uma ONG, na preservação das inscrições após elas sofrerem vandalismo. Suas

“profecias” mostram como a arte pode ser gentil no sentido de “pregar” a proximidade entre as pessoas.

A “gentil arte”, por sua vez, coloca a gentileza em primeiro lugar. Se a “arte gentil” é aquela que pode ser considerada uma manifestação artística que dissemina a gentileza, a “gentil arte” busca a união entre as pessoas por manifestações de generosidade e carinho. Essa “gentil arte” é a base conceitual do projeto @arteemtempodecoronavirus.

Palavras como novo coronavírus, COVID-19, pandemia e “novo normal” passaram a povoar o nosso imaginário nos últimos meses. Por isso, em 28/3/2020, criamos o projeto que consiste em chamar artistas visuais, de qualquer estilo, a encaminhar as suas imagens para publicação gratuita. O Projeto reuniu 589 trabalhos, 609 postagens e 605 seguidores.

Cada imagem postada é acompanhada de um breve texto de reflexão de minha autoria que busca fazer uma leitura de cada imagem ou vídeo em uma caminhada linguística e simbólica que permite pensar o andamento de toda situação que se está vivendo sob diversos aspectos.

As imagens, no decorrer do projeto, foram se alterando conforme as notícias sobre a pandemia iam se transformando. Em linhas gerais, surgiram inicialmente imagens do próprio coronavírus; depois passou-se a enfatizar a morte com diversas representações, como cruces ou caveiras.

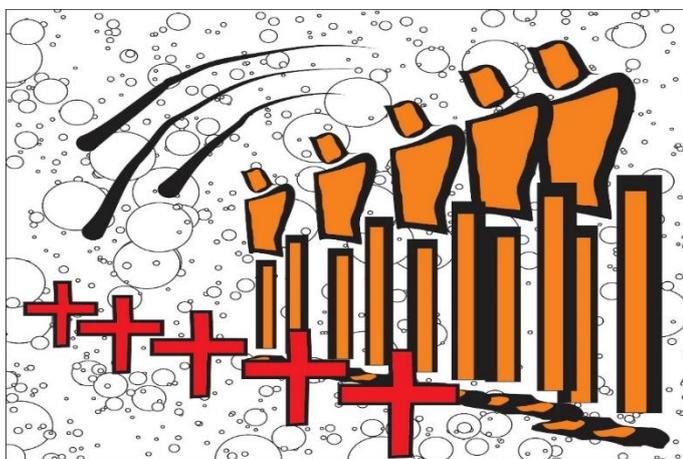
Em seguida, o foco passou a ser o das máscaras nos rostos e de dor pelo isolamento social, vistas como alternativas enquanto não há medicamentos confiáveis ou vacina. Na sequência, as imagens de esperança ganharam espaço, por meio de borboletas voando livres, arco-íris coloridos, e pessoas saindo do hospital pelo “corredor da vitória”.

Observando o conjunto dos trabalhos, torna-se possível verificar seis (6) vertentes de raciocínio visual perante a situação mundial em que a higienização e o isolamento se configuraram como estratégias de resposta à dor. De certa maneira, o ato de fotografar, pintar, desenhar ou se manifestar de alguma maneira constitui um ato de reação ao mundo.

## Desenvolvimento

### Reações emocionais

Um caminho que as imagens tomam é o de (1) reações emocionais, motivadas pela impressão inicial. Sem utilizar muito a razão e o pensamento, alguns trabalhos estão marcados pela expressividade e por uma certa imprevisibilidade, oscilando entre os desejos de criar um mundo melhor ou de se afundar em uma depressão temendo o pior para a humanidade. Veja o exemplo na obra e no post sobre Rico Pace, o primeiro do Projeto:



Fonte: Arte em tempo de Coronavírus (1)

Muitos poucos, acredito, poderiam imaginar que chegaríamos ao ponto de viver o atual cenário mundial perante uma pandemia. Situações de confinamento e de medo se tornaram uma realidade cotidiana e afetarão, mesmo quando tudo passar, crianças, jovens, adultos e idosos. O fato é que o mundo não será o mesmo depois do coronavírus e da COVID-19.

As artes visuais, de um modo ou de outro, vão refletir sobre o tema. Há aqueles que precisam de um tempo maior de amadurecimento; e os que precisam de alguma maneira se manifestar já. O artista plástico Rico Pace, na imagem que ilustra este “post”, traz três elementos fundamentais para pensar: a imagem ao fundo, as cruzes no solo e as pessoas.

A imagem dominante do fundo tornou-se um ícone deste momento inaudito. Aquelas visões que tivemos em placas de microscópios, em computadores mais avançados ou em filmes de ficção científica se tornaram uma constante nos informes de todas as mídias. A biologia tornou-se nossa companheira – e não por escolha, mas por necessidade.

Os outros dois elementos se relacionam intrinsicamente. A morte se tornou uma onipresença. Embora médicos argumentem estatisticamente que a doença é menos letal que outras, qualquer morte, por única que seja, é motivo de lamentação. E aí entra a força humana de levantar a cabeça, utilizar a ciência e continuar. É dessa energia que precisamos.

### **Busca de respostas racionais e científicas**

Há, porém, aquelas obras pautadas por um certo minimalismo, caracterizadas pela confiança na construção de um novo mundo pautado pela (2) busca de respostas racionais e científicas para que todas as pessoas possam viver melhor, independentemente de sua classe social, gênero, etnia ou qualquer outra variável humana. Exemplificamos com o trabalho e o “post” sobre Helena Coelho, o 231 do Projeto:



Fonte: Arte em tempo de coronavírus (231)

Um dos elementos mais ricos de interpretação das obras de arte que vem sendo produzidas com o tema da pandemia causada pela COVID-19 é como, em torno de uma mesma temática, as abordagens vão se alterando em função do momento que o mundo e o Brasil passam. Ao longo do tempo, os elementos que surgem visualmente vão sofrendo transformações.

Inicialmente, o assunto surge muito marcado pela questão da morte e das cruzes. Progressivamente, a discussão visual foi direcionada para o uso das máscaras, não apenas porque as pessoas as utilizam, mas no sentido de uma conscientização da importância delas como forma de prevenção contra o coronavírus.

Surgiram ainda aqueles que focavam o trabalho dos médicos e começaram a existir mais manifestações de esperança. Helena Coelho, em sua criação visual, enfatiza a recuperação. A sua obra traz justamente, dentro de uma atmosfera em que se destacam as paredes amarelas, repletas de vida, esse viés.

As roupas da paciente que sai em cadeira de rodas, rodeada, aplaudida e filmada por profissionais da saúde em suas roupas azuis, são justamente um indicativo do caminho luminoso da saída. Tonalidades de amarelo também estão junto ao espaço que dá acesso à calçada, à rua e a um automóvel. A vida pode recomeçar enfim.

### **Criatividade**

Essa busca de luz em meio às trevas resulta em obras que se caracterizam pela (3) criatividade. São os que buscam soluções aparentemente inusitadas, seja em termos visuais ou mesmo pelo sentimento interno de uma inquietação que é transmitida para o trabalho visual. Nesses casos, a temática do reaprender a ver e a viver no mundo passa a ser essencial. Exemplo: as máscaras com estampas de Herê Fonseca e o post 152 do Projeto:



Fonte: Arte em tempo de Coronavírus (152)

No começo da pandemia motivada pelo novo coronavírus, afirmava-se que as máscaras deviam ser utilizadas apenas pelos profissionais de saúde. Lembra? Posteriormente foi recomendado o uso para todos. E hoje, obrigatório. O objeto, assim, passou a ser um ícone deste momento, se fazendo presente em todo lugar.

E, principalmente, deve estar, é claro, em nosso rosto. A utilização de diferentes modelos, inclusive os de tecido, fabricados em pano, abriu novas possibilidades, inclusive de sobrevivência, para auxiliar na geração de renda de artistas plásticos e empreendedores de diversas áreas.

Os desenhos do artista plástico Herê Fonseca, por exemplo, passaram a sair das telas para as máscaras. E há já as “necessaires”, com a mesma estampa, para guardar a máscara. O nosso cotidiano então pode, de uma maneira inesperada, ganhar um toque de arte e, com ele uma pitada de alegria e esperança.

Além da vacina, a higienização e as máscaras são os antídotos contra a COVID-19. Iniciativas que juntem saúde e arte podem então aumentar a autoestima. A beleza faz os olhos brilharem. A arte em uma máscara pode ajudar a quem cria a estampa, a quem fabrica o objeto, a quem o usa e a quem o vê no rosto do outro. Todos ganham.

### **Pessimismo**

Perante a escuridão, as luzes da esperança da arte iluminam caminhos. Mesmo assim, existe um clima mais apocalíptico em alguns trabalhos, na linha de um intenso (4) pessimismo não só com a COVID-19, mas também – e principalmente – em relação à questão social, já que os abismos tendem a se aprofundar com a crise econômica em processo. Veja a obra de Rosângela Politano e o “post” correspondente, o número 30 do Projeto:



Fonte: Arte em tempo de Coronavírus (30)

Muitas vezes se diz que uma característica de uma obra visual é o fato de ela não ser narrativa, pois, perante uma determinada imagem, vê-se um momento congelado. Imagina-se o que ocorreu antes dela e depois. E isso é um fato em boa parte das produções. No entanto, na arte medieval, por exemplo, as imagens funcionam como histórias em quadrinhos.

Por meio de afrescos, retábulos e séries de quadros, os fiéis aprendiam e se encantavam com as narrativas bíblicas das vidas dos santos. Eram HQs de ensino religiosos. A arte chamada naif, por sua vez, segue passos parecidos, principalmente quando coloca, na mesma pintura, diversas cenas que se conectam.

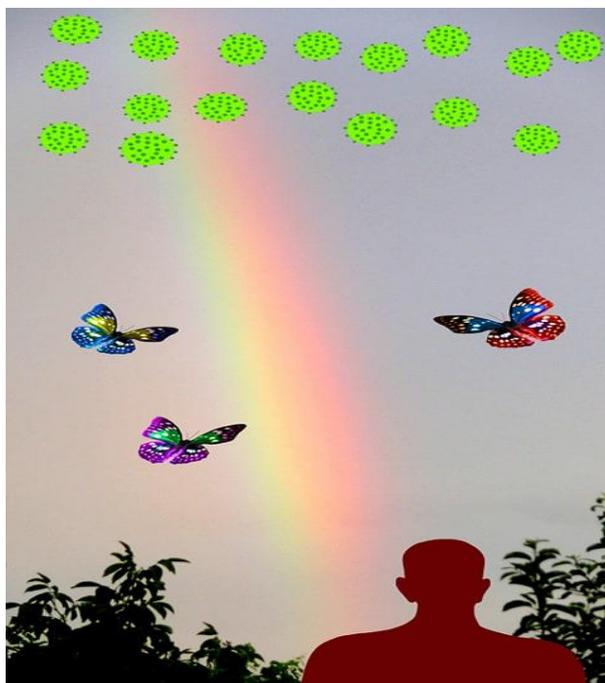
Na presente obra de Rosângela Politano, o desmatamento, a poluição e o extermínio das populações indígenas, ou seja, o desrespeito ao meio ambiente e aos nossos semelhantes, teriam levado à mortal procissão de pessoas mascaradas. Existiria uma válvula de escape? Talvez a ida para outros planetas perante uma Terra em crise.

A ideia de que recebemos um Paraíso e que não sabemos desfrutá-lo é muito forte nas imagens da artista radicada em Socorro, SP. Em relação ao futuro, há incógnitas. O que desperta fascínio

é verificar como a obra possui uma narrativa interna que comporta múltiplas leituras, num portal de interpretações para um momento histórico que tem muito a ensinar.

### **Novo Cosmos**

O risco dessa postura é não acreditar que exista alguma alternativa para sair de uma possível era de trevas. A contrapartida estaria nas obras que parecem apontar que o caos é necessário para criar um (5) novo cosmos, na linha de que as crises geram oportunidades. Sendo assim a avaliação ponderada do que deve ser feito para erguer um novo mundo é essencial. Veja o trabalho de Michelle Angelillo e o “post” correspondente, o 160 do Projeto:



Fonte: Arte em tempo de Coronavírus (160)

Imaginar é uma forma de viver. Trata-se de uma válvula de escape ao mundo contemporâneo. Criar imagens irreais (e todas elas são, em última análise) estabelece um respiro ao cotidiano. A mente precisa encontrar locais seguros para existir e sobreviver – e a arte é um desses locais em que todo impossível se torna possível.

Michelle Angelillo exerce a prática artística de interpretar o mundo com rara felicidade na imagem que ilustra este “post”. Seguramente um ponto essencial é que a sua composição visual

traz uma imagem de esperança em um momento em que o mundo como um todo mostra seu cansaço físico e psicológico com a pandemia causada pela COVID-19.

No alto, estão os coronavírus, já distantes dos seres humanos. A silhueta de uma pessoa surge na parte inferior, de costas, olhando para natureza. Entre eles, dois elementos significativamente muito simbólicos: as borboletas, ligadas ao renascimento da vida, pois passam do isolamento no casulo para a liberdade do ar, e o arco-íris, elo entre o céu e a terra.

O nome do fenômeno meteorológico vem da mensageira grega que realizava o contato entre deuses e homens; e, na Bíblia, o arco-íris, que vem após a chuva, indica a aliança entre Deus e a Humanidade após o Dilúvio, ou seja, após a dor e o sofrimento, vem um período de amor e de reconstrução. Que assim seja...

### **Ponderação**

Há, porém, aquelas criações visuais que parecem conseguir articular todos esses caminhos (6). Seriam trabalhos que filtram a espontaneidade das reações mais emocionais perante o impacto da pandemia, acreditando nas possibilidades de construção de um amanhã melhor e abrindo espaços para soluções criativas de modo a alertar para as ameaças do ódio e da negatividade, acreditando, assim, na ponderação que poderia erguer o mundo pós-pandemia. Veja a obra de Patricia Helney e o “post” correspondente, o 359 do Projeto:



Fonte: Arte em tempo de coronavírus (359)

“Liberdade”, de Patricia Helney, é uma obra contundente do momento que o mundo atravessa, quando a presença da morte, devido à COVID-19, torna-se cotidiana, em uma escala altamente significativa que poucos pareciam imaginar em um primeiro momento. Nesse sentido, a sua imagem reúne diversos elementos simbólicos.

Talvez um dos mais importantes esteja no trem. Ele surge de maneira sutil, mas traz em si a grande metáfora da obra, que é a da concepção da vida como uma jornada em que é possível passar de um lado para outro a qualquer momento – e, muitas vezes, sem avisos anteriores, o que se torna difícil de aceitar quando se entende o fim da viagem como o término de tudo.

Perante o tom Apocalíptico que muitos vivenciam física e psicologicamente, a pintura coloca em destaque os quatro evangelistas, em suas representações clássicas, todas aladas: Mateus como homem; Marcos, como leão; Lucas, como touro alado; e João, como águia. No céu, terminada a jornada terrestre, há muitas e encantadoras moradas para quem assim o merecer.

O trabalho tem a sua maior qualidade visual em tratar de temas complexos e densos com intensa beleza plástica. Entender a morte como uma liberdade implica na aceitação da vida como uma passagem para um outro estágio em um processo que deixa, naqueles que ficam, saudade, que é o lírico e doído sentimento da presença de uma ausência.

### **Considerações finais**

#### **Gentil Arte**

O conjunto de trabalhos do projeto, que inclui artistas e jovens de todos os estilos e procedências, constitui, portanto, um painel do período de reclusão nas suas mais variadas manifestações.

Observar o todo é degustar um delicioso tratado artístico e sociológico em que cada ser humano manifesta, à sua maneira, sentimentos e percepções perante uma crise.

Oxalá que a experiência da reclusão seja de fato uma oportunidade para que possamos em breve viver em um mundo melhor, não só livre da COVID-19, mas também de outros males econômicos e sociais.

Acima de tudo, tomara que a arte, que tanto nos auxiliou a manter a saúde mental no período de reclusão, nos indique o melhor caminho a seguir. Assim, quando for possível sair da reclusão física, poderemos ter uma sociedade mais criativa, surpreendente e respeitosa com os seus integrantes.